

Sacerdote, profecia de Deus ou dom profético ao serviço da humanidade

INTRODUÇÃO

Os profetas são os que falam em nome de Deus. É preciso ter os ouvidos do coração muito atentos para percebermos qual é a vocação a que Deus nos chama, a missão que nos confia e as formas de nos enchermos do Espírito Santo para irmos pelos caminhos do mundo anunciar o Evangelho e gerar Fraternidade. Os profetas vêm mais longe e mais fundo. Vêm com os olhos de Deus. Antecipam, não correm atrás de prejuízos, lêem os sinais dos tempos, têm sentido de discernimento. Não dão hipóteses às desgraças pois são capazes de ver os ramos de amendoeira floridos mesmo nas invernias mais austeras e trágicas da vida (como fez Jeremias). Não passam a vida a lamuriar-se das Igrejas vazias porque – como diz o provérbio brasileiro – sabem que ‘o que segura a vaca no campo não é a cerca, mas a qualidade do pasto!’. São como os agricultores que acreditam que cada grão de milho tem espigas enormes dentro dele! Não desistem do que é bom, pois sabem que Deus pode arrancar do nosso peito o coração de pedra e lá colocar um coração de carne – como profetiza Ezequiel. Não se precipitam nem chegam atrasados, pois percebem, melhor que ninguém, qual é a hora de Deus. São homens e mulheres de palavra e da Palavra. São pessoas abertas, corajosas, autênticas, capazes de correr todos os riscos em favor da verdade e da dignidade das pessoas, não tendo medo de sujar as mãos nas lamas da história... São pessoas que apostam no essencial (S. Agostinho dizia que no essencial tem de haver unidade, no acessório liberdade e em tudo caridade). Seguem o conselho de Einstein: ‘fique longe das pessoas negativas: Elas têm um problema para cada solução!’. O Papa Francisco lembrou, na audiência de 13.11.2019, que os sacerdotes têm de ser os especialistas na proximidade: com Deus, com os Bispos, com os restantes Padres e com o Povo.

Claro que a nós, padres, é-nos pedido um estilo de vida orante (dizia-me há tempos um padre: ‘quando eu era seminarista, acertava melhor nas canelas dos colegas a jogar futebol, que nas páginas do breviário a rezar!’), simples, próximo, fraterno, dedicado, com cheiro às ovelhas, sinodal, persistente (‘desistir é uma palavra que tem de ser eliminada do dicionário de quem sonha!’), em conversão constante aos valores do Reino. Temos que – como pede o Papa no ‘Gaudete et Exsultate (1)– cruzar as bem-aventuranças com as parábolas do juízo definitivo e do bom samaritano. Sim, temos que cultivar a convicção profunda de que o nosso sacerdócio nos chama, com radicalidade, à santidade e à missão.

1. Anunciar o Reino de Deus

Cruzando alguns textos bíblicos, podemos concluir que o Reino de Deus é justiça, paz, amor e alegria. Nós, os que temos alguma relação com a

comunidade ecuménica de Taizé, já cantámos em diversas línguas o cântico: 'O Reino de Deus é um Reino de paz, justiça e alegria. Senhor, em nós vem abrir, as portas do Teu Reino'.

Como a história da Igreja sempre valorizou mais os três primeiros, o Papa Francisco tem apostado mais no quarto: 'A Alegria do Evangelho' (2), 'A Alegria do Amor' (3), 'Alegrai-vos e Exultai' (1), 'Laudato Si' (4), 'Cristo Vive' (5) (ou seja, a alegria da Páscoa!)... Enquanto padres, temos como missão essencial o anúncio deste Reino de Deus.

O Papa, na audiência de 30.9.2020, lembrou que 'na normalidade do Reino de Deus, o pão chega a todos e sobeja, a organização social baseia-se em contribuir, partilhar e distribuir, não em possuir, excluir e acumular'. Já isto garantia o poeta António Aleixo: *'o pão que sobra à riqueza /, distribuído pela razão/, matava a fome à pobreza / e ainda sobrava pão!'*. A Santa Madre Teresa de Calcutá dizia com clareza e profecia: ' a pobreza não a criou Deus; criamo-la tu e eu quando não repartimos o que temos'.

É urgente a abertura à mudança. Recebi há tempos um cartoon que tinha duas filas de pessoas: uma cheia de gente que respondia à pergunta: quem quer mudanças? Outra, só com duas ou três pessoas: quem quer mudar?!!!

João XXIII, na '*Pacem in Terris*' (1963), apresenta os quatro pilares da ordem moral para a construção da paz: a verdade, a justiça, o amor e a liberdade. Aborda, pela primeira vez, o tema dos 'sinais dos tempos' (a GS vai agarrar esta ideia com radicalidade). Estamos a tocar num nó górdio da intervenção profética da Igreja: a sua Doutrina Social, nascida oficialmente em 1891 com a *Rerum Novarum*. É tão decisiva para a pastoral da Igreja que nenhum Papa ousou passar-lhe ao lado nos seus documentos pastorais. O Compêndio da DSI (cuja edição portuguesa é de 2005) (6) apresenta, de forma estruturada, uma súmula de tudo quanto foi escrito até esta data.

Martin Luther King (inspirando-se na carta de uma prisão de Birmingham - 1963) escreveu: 'o que mais me preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais me preocupa é o silêncio dos bons'.

Sobre a paz, que tanta falta faz ao mundo, limito-me a gritar que a guerra é sempre uma derrota da humanidade. É importante escutar o Papa Francisco: 'calem-se as armas! Quem faz a guerra esqueceu a humanidade' (27.02.22). Sim, não há guerras justas: *'Em resumo, o mundo não aprende lições da história. Estive há 30 anos debaixo de uma guerra idêntica às que estão hoje a sofrer as pessoas que se encontram dentro das cidades bombardeadas. Devo confessar que, no Huambo e no Kuito (foto), não ficou nenhuma casa intacta e, quase todas, ficaram parcialmente ou totalmente destruídas, impossíveis de ser habitadas. Muitas pessoas morreram, outras ficaram feridas e milhares conseguiram fugir para as matas. Os hospitais, escolas e Igrejas foram bombardeados, derrubando aquela tese ingénua segundo a qual as tropas atacam só alvos militares. Concluí por experiência própria que a guerra é a mais frontal violação dos direitos humanos. Desde que se comece, não há mais nada a fazer, nem se pode pedir nada aos militares que, atirados para linhas da frente, fazem o dramático jogo do 'ou mato ou morro'.*

Dialoguemos. Não temos alternativa humana. É urgente um cessar fogo. Acolhamos de braços abertos os refugiados. Mandemos para as linhas da frente ajuda humanitária. Rezemos. Esta guerra pode parar a qualquer

momento. E, para bem de todos, devia parar já. Ou melhor, nem sequer devia ter começado!

Duas notas finais: a Europa está a abrir portas e janelas a quem foge da Ucrânia (tão bom), quando ergueu e ergue muros a quem foge doutras guerras e tragédias (tão mau)! Acabo de ler um artigo a recordar que há mais guerras e violência para além da Ucrânia: Burkina Faso, Líbia, Mali, Moçambique, Nigéria, R. Centro-Africana, R. D. Congo, Somália, Sudão, Sudão do Sul, Daguestão, Chechénia, Síria, Afeganistão, Myanmar, Filipinas, Paquistão, Tailândia, Iraque, Israel e Palestina, Iémen, Etiópia.

Se nenhuma destas guerras nasceu justa, também não faz sentido responder com guerra à guerra. Só o diálogo é ponte para a paz' (7).

2.Ecologia 'Laudato Si'

O mundo mudou a 24 de maio de 2015. É uma das minhas convicções mais profundas. O Papa Francisco publicou, nesse dia, a encíclica social 'Laudato Si'. É, até ao momento, o texto papal mais citado, comentado e divulgado. Gerou amigos e inimigos, foi alvo de reações de todas as qualidades e feitios, o que se explica pela novidade e actualidade do tema e pelos interesses económicos que põe em risco. Passam-se agora sete anos, que balanço?

A primeira conclusão a que eu chego é que o Papa conseguiu impor ao mundo um novo conceito: ecologia integral. Não se fala mais só de plantas, animais e minerais, de terra, água e ar, pois tudo está interligado. As pessoas não são excluídas do âmbito ecológico, mas, pelo contrário, são o seu motor, a parte mais responsável. Por isso, a ecologia integral diz que é preciso amar os pobres e proteger a natureza. Assim, caem por terra perspectivas muito reducionistas da ecologia, quando o mundo era capaz de fazer parar a história por causa do habitat de um sapo, mas deixava morrer na pobreza extrema milhões de pessoas! Não: as pessoas são o melhor do mundo, é nelas e por causa delas que é necessário investir primeiro. E, ao mesmo tempo, fica claro que a Terra é a casa comum de todos que é urgente respeitar e proteger.

Para continuar a alimentar esta chama da 'ecologia integral', o Papa Francisco propôs um 'Ano Laudato Si', de 24 de Maio de 2020 a 24 de Maio de 2021. O Dicastério Romano para o Desenvolvimento Humano Integral – criado após a publicação desta encíclica - ficou responsável da sua organização e da concretização do programa elaborado: 'cinco anos se passaram, e a encíclica parece cada vez mais oportuna'. Mais à frente, o texto diz: 'não podemos mais ficar indiferentes ao desesperado 'clamor da terra e clamor dos pobres (LS 49)'. Fazendo alusão à pandemia que ainda nos vitima, o Dicastério afirma que 'a encíclica pode realmente fornecer uma bússola moral e espiritual capaz de criar um mundo mais solidário, fraterno, pacífico e sustentável (...), criar uma maneira nova de viver juntos, unidos no amor, compaixão e solidariedade'. E, ultrapassando visões mais ingénuas, pede-se conversão ecológica e acção: 'a urgência da situação exige respostas imediatas'.

Roma avançou com iniciativas que estão a abanar muitas áreas da vida do mundo: a 'Aliança global da Educação' tentou lançar as bases de uma formação humana integral; a 'Economia de Francisco', congregou especialistas na área que ajudem a mudar todas as práticas económicas que geram mais pobreza e matam os mais frágeis, descartando-os.

A 'Querida Amazônia' (12.02.2020) (8), que resultou do Sínodo sobre a Amazônia, é um dos frutos mais visíveis da '*Laudato Si'*'. Assenta nos quatro sonhos: o social, o cultural, o ecológico e o eclesial.

O importante é pôr mãos à obra antes que seja tarde. As novas gerações estão mais sensíveis a este desafio e são mais criativas e ágeis na hora de intervir. Sempre com a convicção de que tudo está interligado, estamos todos na mesma arca e na mesma barca: ou nos salvamos juntos ou nos afogaremos todos. O futuro está nas nossas mãos! (9).

Tudo está interligado (o P. José Luis Borga, dizia, nas 'Conversas na Ecclesia' (16.2.2021) que 'se der uma martelada no dedo grande até os dentes me doem!').

3. Por uma Fraternidade universal (FT)

O Papa Francisco publicou a Encíclica '*Fratelli Tutti*' em Assis, a 4 de Outubro de 2021 (10). Lança muitos desafios missionários de que destaco sete.

A urgência de cicatrizar um mundo ferido. O mundo está cheio de feridas e nota-se que muitas conquistas humanas estão a fazer marcha atrás. O racismo continua em força, embora mais disfarçado e nascem novas pobreza.

A covid 19 recordou-nos que estamos no mesmo barco a enfrentar a mesma tempestade e ninguém se salva sozinho, mas juntos. Precisamos todos uns dos outros.

Ser Bom Samaritano. Percorrendo esta emblemática parábola, o Papa Francisco recorda que vários passaram ao lado da pessoa batida pelos bandidos...foram-se e não pararam. Mas houve um que parou, dando tempo ao ferido, evitando a sua morte eminente.

Tornar o mundo mais fraterno. É urgente partir em direcção às periferias e lutar contra todas as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. E, claro, há que apostar numa ecologia integral que obriga a 'cuidar da casa comum'.

Praticar a Política com amor. O combate à corrupção tem de ser sem tréguas. E só há grandeza política quando se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo.

Apostar num diálogo plural. O diálogo é uma ponte, estabelece um meio termo entre a indiferença egoísta e o protesto violento. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes.

Condenar a fome, a guerra e a pena de morte. A guerra é a negação de todos os direitos e uma agressão dramática ao meio ambiente. O Papa pede que, com o dinheiro usado em armas e outras despesas militares, constituamos um fundo mundial para acabar de vez com a fome e para apoiar o desenvolvimento dos países mais pobres.

Defende que pena de morte não é hoje admissível e a Igreja compromete-se decididamente a propor que seja abolida em todo o mundo.

Fraternidade entre todos os Crentes. As várias religiões podem oferecer uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade.

'*Fratelli Tutti*' termina com uma Oração ao Criador e uma Oração cristã ecuménica. A mensagem final do Papa é clara: 'Em nome de Deus e de tudo

isto, declaramos adoptar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério' (11).

4. Padres capazes de dar a vida...

Tenho cruzado com muitos Padres que vivem em contextos difíceis e que decidiram entregar a sua vida, aconteça o que acontecer. Vou só falar de vivos para que fique claro que o risco e a morte não são a mesma coisa. Escolhi o Cardeal Dieudonné Nzapalainga (RCA), o P. Júlio Lancellotti (Brasil), o P. Luigi Maccali (italiano raptado no Níger), o P. João Felgueiras (Timor Leste) e o P. Telmo Ferraz (Angola). Podiam ser outros, muitos outros, mas olhemos para a forma como estes padres estão, por esse mundo fora, a viver o seu sacerdócio.

4.1. Cardeal Dieudonné: 'SIRIRI', ou seja, Paz na RCA!

Dom Dieudonné Nzapalainga, Missionário Espiritano, 55 anos, é o mais jovem Cardeal da Igreja. Natural da República Centro Africana (RCA), é o Arcebispo de Bangui, a turbulenta capital de um país a ferro e fogo.

Este Cardeal arriscou (e continua a arriscar) a vida para conseguir a pacificação do seu povo, num país dividido e martirizado por diversos grupos armados que matam, destroem e semeiam o pânico entre as populações pobres e indefesas. O mais grave desta guerra está no facto dos grupos armados se auto-proclamarem religiosos. Matam e destroem em nome da fé, o que é uma barbaridade, como sempre repete.

Em 2013, surge a Plataforma Inter Religiosa para a Paz, liderada pelas três grandes autoridades religiosas locais: o Arcebispo Dieudonné, o Imame Omar Kobine Layama e o Pastor Nicolas Gbangou. Percorreram boa parte do país para reunir as pessoas e tentar convencê-las a pôr de parte a vingança e construir um futuro de paz.

A violência, porém, não acabou. A Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Bangui, foi palco de um dos atentados mais assassinos, a 1 de maio de 2016, festa de S. José Operário. Um bando rebelde atacou a Igreja durante a Missa, disparando sobre os padres e o povo. Mataram um Padre e seis fiéis. Em 2017, um grupo de rebeldes armados atacou a cidade de Bangassou, terra natal do Cardeal Dieudonné. O ano seguinte, 2018, voltou a ser terrível. Alindao, outra cidade, foi barbaramente atacada e seis dezenas de pessoas foram massacradas. No Paço Episcopal mataram dois padres. D. Dieudonné deslocou-se a Alindao e, no regresso a Bangui, deu uma conferência de imprensa juntamente com o Imame Layama, começando por gritar: 'nós não nos podemos calar!' E, estes dois líderes denunciaram a incapacidade das forças governamentais e dos militares internacionais de pararem com as barbaridades deste grupo armado que agia com total impunidade, aterrorizando as populações indefesas. Falaram ainda da desnutrição da população em geral, pedindo apoio urgente da comunidade internacional.

O Papa Francisco fez de D. Dieudonné, a 19 de novembro de 2016, o cardeal mais jovem da Igreja. Tornou-se assim uma figura procurada pelos media. O jornalista-repórter francês, Laurence Desjoyaux, arriscou acompanhá-lo numa das suas visitas ao interior da RCA e, após longos dias de conversas, publicou, em 2021, o livro '*Eu vim trazer-vos a Paz*'. *O combate de um cardeal coragem*

no coração do caos'. O sucesso foi enorme e eis que surge agora a edição italiana que está a obrigar o Cardeal a percorrer este país, fazendo conferências de apresentação, dando a conhecer a situação difícil que o seu país atravessa. Será o Cardeal Dieudonné o presidente da celebração da Missa de Pentecostes, a 5 de junho, na Casa Geral dos Espiritanos em Roma. Também o mundo do cinema despertou para a importância da figura deste jovem Cardeal. O realizador suíço Manuel Vun Sterler passou longos tempos na RCA e, de forma mais ou menos discreta, filmou muito. Quando o Cardeal se deslocava ao interior, aí o realizador entregava as máquinas a um jornalista local que captava as imagens possíveis. O resultado de todo este trabalho é o filme 'Siriri', palavra que quer dizer 'paz' na língua sango, a mais falada na RCA. Tudo começa com imagens terríveis de um atentado sangrento durante uma Missa. Depois, há muitas viagens floresta adentro, sempre com o cardeal ao volante do seu jeep. Chocantes são as conversas nas vilas e cidades do interior, lá onde os ataques fizeram vítimas e espalharam o terror. Na maioria das viagens e encontros, estão presentes o Cardeal e o Imame Layama. A imagem de marca deste filme é a cumplicidade entre estes dois líderes religiosos capazes de correr todos os riscos para que a paz possa acontecer. Se o filme começa com uma celebração interrompida pelo terror de um ataque, termina com uma celebração a Maria à luz de velas. Há a convicção de que este esforço de diálogo inter-religioso evitou um genocídio, mas a paz continua ainda uma miragem. Quando perguntam ao cardeal se não tem medo de morrer, ele responde com a frase que proferiu aos seus pais: 'Não posso ter medo de perder a vida, porque a minha vida já foi dada!' (12).

4.2.P. Júlio Lancellotti, com os “moradores da rua” de S. Paulo

Júlio Lancellotti é um padre da diocese de S. Paulo (Brasil). Anima a comunidade paroquial de S. Miguel, na rua Taquari, na cidade que (contando periferias) tem 20 milhões de habitantes! A sua igreja é pequena, mas o seu trabalho pastoral é de enorme dimensão. Pelo menos é isso que pensam os cerca de 60 moradores de rua que ali estavam na manhã de 30 de Abril (2019).

Chegámos à rua Taquari pelas 8h da manhã e já a missa tinha terminado. Um padre, com ar de idoso mas muito mexido, de alva e estola, servia já bolachas e leite a umas dezenas de homens no adro da igreja, num refeitório improvisado. Saudou-nos de corrida, porque não havia tempo a perder. Depois, com a ajuda de voluntários e dos próprios moradores de rua, começou a distribuir roupa, oferecendo mantas a dois mais velhos. Chegou a altura do sabão e das lâminas de barbear. Por fim, e porque é tempo de Páscoa, passou com uma caixa de chocolates.

Pode apreciar-se a simpatia e “paciência de Job” do P. Júlio: nunca mostra a mínima irritação, mesmo quando há gente a abusar da sua bondade. Vê-se bem o ambiente calmo que ali se vive, a mostrar como os ‘sem-abrigo’ gostam e respeitam, apesar de tudo, o padre que os apoia.

Mas este trabalho não se fica por aqui. A conversa que se segue mostra um homem que conhece muito deste mundo da rua, sabe todas as leis nacionais e federais, conhece os abrigos existentes e a forma como neles os moradores de rua se inscrevem, comem, fazem a sua higiene e dormem. Também está a par

da corrupção que se instala nestes mundos, com o dinheiro que deveria chegar a este projecto social e se perde nos corredores da burocracia corrupta. E o P. Júlio tem mais dois inimigos de estimação: muitos dos habitantes da área da paróquia que lhe fazem fogo, pois não querem aquela gente à sua porta; e muitos polícias que dão carga dura em cima destes pobres coitados, violando os direitos humanos mais elementares.

O padre Júlio não se fica pelo seu compromisso radical dentro e à porta da Igreja. Ele aposta muito fortemente no impacto das redes sociais, onde é seguido por pessoas de todo o mundo. Causa também mal-estar e contestação, sobretudo quando denuncia a corrupção dos políticos, polícias e funcionários, bem como quando questiona esta sociedade capitalista de consumo que não dá vez nem voz a estes pobres que um dia viram a má sorte bater-lhes à porta.

Assim, para além da contestação da vizinhança, de alguns polícias e responsáveis de obras sociais, o P. Júlio sente que tem a cabeça sempre a prémio, tal o número e o tom dos insultos de que é vítima, tendo recebido já bastantes ameaças de morte.

A forma como cada uma destas pessoas veio parar à rua muda de sujeito para sujeito. Mas em comum há uma história sofrida de fracasso, tragédia ou abandono. Alguns não conheceram os pais, outros foram por eles postos fora de casa. O álcool e a droga – confessaram vários deles – estão na origem da ida para a rua, mas muitos queixam-se da falta de possibilidade de recuperação da adição.

Alguns dos que tiveram força e coragem para largar a dependência, não encontraram portas abertas para um emprego e acabaram por recair ou ficar na rua sem perspectivas de futuro. O P. Júlio diz que quem passou pela rua ficou marcado para sempre com este estigma e dificilmente encontra trabalho e casa para poder viver com dignidade. Faltam oportunidades mesmo para aqueles que estão disponíveis para trabalhar.

Muitos dos sem-abrigo puxam as famosas ‘carroças humanas’ que enchem as ruas de S. Paulo, transportando tudo, a começar pelo cartão e metal que vão apanhando às portas das lojas ou catando nos contentores. Mas mesmo estes que trabalham muito acabam por ser vergonhosamente explorados pelos donos das carroças e por quem lhes compra o papel, as latas e o metal encontrado.

Depois deste desfiar de um rosário de desgraças, o P. Júlio conclui: as soluções são difíceis de encontrar porque S. Paulo tem mais moradores de rua do que 402 municípios brasileiros têm de habitantes: 20 a 25 mil! Hoje há mais sem abrigo do que vagas nos albergues. A rede pública de acolhimento está má porque centros com capacidade para 100 pessoas acolhem mais de 400: quebra a banheira, rebentam as canalizações...

Acrescenta ainda que a cidade de São Paulo vive numa cultura do ‘não cuidado’ dos pobres que ficam sem vez e sem voz, à mercê da violência gratuita de muita gente, incluindo agentes de autoridade.

E o que faz este homem, padre das pessoas da rua, perante as ameaças de morte? A resposta sai corajosa: “Nada! Continuarei a fazer o que devo fazer, sempre ao lado dos preferidos de Deus, estes pobres dos mais pobres do Brasil.” Mas lá vai confessando que a sua voz já ecoa longe e que a Comissão Internacional Americana dos Direitos Humanos já exigiu ao Governo brasileiro

protecção para este activista. Mas, garante, os riscos continuarão a ser enormes e a cabeça estará sempre a prémio (13).

4.3.P. Luigi Maccali, raptado no Níger e libertado no Mali

O P. Luigi Maccali, da Sociedade das Missões Africanas, foi raptado por jihadistas no Níger e levado para o Mali. Ali viveria em pleno deserto, com algemas nos pés, sem poder falar com ninguém, durante quase dois anos. Com a oração do Rosário e a Sequência do Espírito Santo, aguentou firme até à hora de uma libertação que tardava em chegar. Pensando que cada dia seria o último, estava preparado para tudo. Percebeu, mais tarde, que o queriam como moeda de troca com outros prisioneiros. Como resultado da diplomacia italiana seria liberto, fazendo suspirar de alívio a sua família, confrades e amigos...e, claro está, ele mesmo!

Foi a Fátima agradecer a libertação e, com o seu irmão P. Walter Maccali e a leiga missionária Alexandra Almeida (de Famões, Lisboa) – agora ambos missionários na Serra Leoa –, visitou a Casa Provincial dos Espiritanos, partilhando a desafiante experiência de sequestro.

17 de setembro de 2018. Missão de Bomoanga, no Níger, perto da fronteira com o Burkina Faso. O P. Luigi Maccali, um italiano membro da Sociedade das Missões Africanas (SMA) foi raptado durante a noite. A área era isolada, mas aparentemente calma. Um grupo de jihadistas armados entraram na Missão e levaram-no à força, em pijama. A sua via-sacra como refém durou até 8 de outubro de 2020, data da libertação.

O P. Luigi Maccali nasceu em Crema, no norte de Itália, em 1961, numa família muito cristã. Ele e o P. Walter entrariam nos seminários da SMA. Foi ordenado padre em 1985, rumando à Costa do Marfim. Mas seria no Níger que os fundamentalistas islâmicos o raptariam, claramente com o objetivo de ser moeda de troca. Segundo confessa o P. Luigi, se as razões tivessem sido religiosas, o mais provável era terem-no matado. Mas não! Sempre foi tratado sem tortura porque era um europeu que podia ajudar a libertar algumas dezenas de jihadistas presos em diversas cadeias.

Conta esta história sempre com um sorriso nos lábios e a fazer transparecer uma Fé à prova de tudo. Primeiro andou quilómetros e quilómetros de moto, atravessando a fronteira para o Burkina e, depois de cruzar o país, chegaria ao Mali, em pleno deserto do Sahara. A última parte da viagem já a fez de carro. Confessa que foi o momento mais dramático do longo cativeiro pois, naquele 5 de outubro, foi algemado e atado a uma árvore. Pensou que era o fim...

Estava constantemente vigiado por jovens armados com quem não havia grande lugar para conversa. Eles ainda iam perguntando coisas sobre a vida do padre e as razões de estar no Níger, mas a conversa não ia longe. Só teve coragem de pedir uma coisa: uma Bíblia, mas deram-lhe o Alcorão que leu várias vezes. Esteve sem celebrar a Eucaristia desde o rapto até à libertação. Sentiu que foi a Fé que lhe deu esperança e razões para acreditar na libertação. Todos os dias rezava o rosário e a Sequência do Espírito Santo, orações que sabia de cor. O Espírito Santo e Maria foram os seus companheiros nesta viagem que tinha todos os condimentos para terminar em tragédia.

Foi a 7 de outubro que lhe deram a notícia da libertação: Solenidade da Senhora do Rosário. Soube, ao chegar a Itália, que a sua família, a paróquia e

tantos milhares de pessoas por esse mundo fora, tinham rezado sem interrupção pela sua libertação. A sua mãe, ao abraçá-lo, confessou que rezou dia e noite a Nossa Senhora e tinha a certeza absoluta de que o filho ia regressar são e salvo! Por isso, sentiu a obrigação de se deslocar a Fátima, para agradecer à Senhora do Rosário esta graça de estar vivo e sempre em missão. Fê-lo a 1 de agosto.

Na longa e emocionante partilha na Casa Provincial dos Espiritanos, em Lisboa, no regresso de Fátima, ele dizia que o sequestro e dois anos de cadeia a céu aberto, em pleno deserto do Sahara, lhe ofereceu três valiosos presentes: uma verdadeira identificação com todos os violentados inocentes; um aprofundamento espiritual, no silêncio do deserto, apesar de não celebrar a Eucaristia; o regresso ao mais importante, àquilo que é absolutamente essencial.

Descobriu, com espanto e alegria, que estes dois anos em que não fez nada foram os mais fecundos da sua vida missionária, tal a quantidade de dinamismos de oração e solidariedade que o rapto gerou, um pouco por todo o mundo, desde a sua Itália natal até à China, envolvendo gente que nunca conheceu nem conhecerá.

Ao fazer o balanço destes anos, confessa que o que mais o fez sofrer foi a total ausência de comunicação: ele estava vivo, mas a sua família, confrades e amigos não o sabiam. E a angústia aumentava cada dia que passava e isso fez muito mal a todos, sobretudo aos familiares mais diretos e aos confrades.

No fim do nosso encontro na Casa Provincial dos Espiritanos, tomámos um porto a acompanhar um bolo e descemos à Capela onde o P. Luigi presidiu a uma breve oração de ação de graças. A sua escolha recaiu sobre a Sequência do Espírito Santo e o Magnificat de Nossa Senhora.

Na hora de partir, tirou da mochila um pequeníssimo saco e mostrou-nos as três únicas coisas que conseguiu trazer do cativo para Itália: uma cruz feita de dois paus que encaixam; um rosário feito de um pano que lhe cobria a cabeça do sol ardente do deserto; um elo da cadeia com que esteve preso durante quase dois anos...

Agora, o que mais lhe apetecia fazer era regressar ao Níger, à sua Missão e abraçar um por um os seus paroquianos e amigos. Mas a situação continua tensa e ele está proibido de o fazer. Assim, irá ficar um ano por Itália, a recuperar a saúde (regressou magríssimo) e a avaliar e partilhar a sua experiência. Depois, os superiores saberão para onde o enviar em Missão, pois ele está pronto para partir rumo à missão onde for mais necessário (14).

4.4.Os cem anos do P. João Felgueiras, jesuíta em Timor

A Família dos Felgueiras das Taipas deu a Portugal e ao mundo nove filhos. A maioria deles consagrou-se a Deus em diversas famílias Religiosas e Missionárias: Carmelitas, Franciscanas Missionárias de Maria, Espiritanas, Espiritanos, Jesuítas. Só um (o Dr. Vasconcelos) casou para dar descendência à família. Tive a honra de ter tido como confrade Espiritano o P. José Maria e ter conhecido a Irmã Maria José, das Irmãs Espiritanas (foi a primeira Espiritana de Portugal) e o P. João, Jesuíta. Só este está entre nós e celebrou a 9 de Junho de 2021, em Timor, o seu centenário de nascimento.

Foi a tragédia que vitimou Timor que me fez conhecer o P. João. A invasão Indonésia e os massacres que flagelaram os timorenses ávidos de

independência, levaram-me a abraçar, de alma e coração este povo e a sua causa. Um dos momentos mais gratos deste tempo foi o encontro com o P. João Felgueiras que me visitou, em 2000, em Lisboa, para conversarmos sobre um projecto que, de forma clandestina, apoiamos: bolsas para jovens timorenses ajudados pelos jesuítas em Timor. Foi um encontro de família, pois o P. João era irmão do P. José Maria e da irmã Maria José, ambos da Família Espiritana. Desse encontro, de que guardo gratíssima memória, surgiu a 'necessidade' de escrever um Editorial para o jornal Ação Missionária de que, naquele tempo, era director.

Editorial por Timor

'De barbas e batina branca a andar pelo meio dos escombros de Dili, de ar cansado, arrasado pela situação, o P. João Felgueiras está em Timor há muitos anos, viveu o drama de um povo massacrado, ficou ali de pedra e cal a partilhar a desgraça de um povo. A idade que avança e os dramas vividos não lhe apagaram a garra de olhar o futuro.

Conversei com ele algumas horas. Diz dever a sua vocação missionária aos Espiritanos. Ele tinha um irmão e uma irmã espiritanos. Ambos faleceram, tendo sido figuras de renome.

Está feliz com o governo de transição. Esta contente com a maneira como a situação evolui. Já sonha com a reconstrução das casas do povo, com o regresso dos jovens às escolas e universidades.

É uma voz de experiência. Todos o querem ouvir: presidentes da República, ministros, diplomatas, bispos... a profundidade das suas análises e a lucidez das perspetivas de futuro que apresenta não se podem deitar fora. O P. Felgueiras tem consciência de que os timorenses não vão nunca querer ser indonésios, após os massacres de setembro de 99. Ele recorda sempre, com um misto de emoção e serenidade, aquelas imagens que correram o mundo e nos encheram os olhos de horror. Para escapar, teve de se refugiar nas montanhas. Está convencido de que os estudantes universitários devem estudar em Timor. Elogia os compromissos das ONGs, mas pede menos ostentação e melhor conhecimento da realidade. Vê os valores cristãos como pilares éticos da nova nação Lorosae.

É um homem sem medo, com grande sentido de missão. Para ele, o correr riscos não lhe mete medo. O importante é dizer e fazer o que acha mais importante.

Parabéns P. Felgueiras, parabéns Timor Lorosae' (15).

4.5.O silêncio de Deus, segundo o P. Telmo Ferraz

O P. Telmo Ferraz, da Obra da Rua, membro do clero da Diocese de Bragança-Miranda, nasceu no Mogadouro em 1925 e começou cedo o seu sacerdócio de rebeldia e compromisso social. Denunciava a tragédia humanitária provocada pelas condições péssimas em que viviam quantos davam a vida na construção de barragens naquele Trás-os-Montes longínquo e abandonado dos anos 50. Dedicava-se a todos os deserdados e denunciava as violações dos direitos destes pobres trabalhadores. O seu primeiro livro, 'O lodo e as estrelas'(1960) é tão duro e profético que foi visado e proibido pela

censura. Mas – e talvez por isso mesmo - já em 1959 estava em Angola com os trabalhadores da barragem de Cambambe.

1963 marca o início da grande aventura pastoral e social da sua vida: a Casa do Gaiato de Malanje! Ali dedicou o melhor de si, no acolhimento e formação de jovens rapazes, órfãos ou vindos de famílias pobres. É uma obra notável que seria várias vezes arrasada e pilhada durante a longa guerra civil de Angola. Sem nunca atirar a toalha ao chão, reconstruiu e recomeçou. A par de todo um notável trabalho pastoral e social, escreveu muito e de forma muito acutilante, mexendo em feridas dolorosas como só uma guerra civil pode abrir.

Com o empenho da Diocese de Bragança-Miranda, acabariam por vir a lume diversas coletâneas de textos: 'Mourela' (2011), 'Contigo no planalto' (2013), 'Pelo caminho das tipóias' (2013), 'A mulemba e o Grão de Areia' (2014), 'Um retiro na montanha'(2016), 'Terra batida' (2017), 'As abelhas e o mel' (2018). Escritos ao longo de mais de 60 anos, estes textos mostram a alma de um padre poeta e escritor, pobre ao serviço dos mais pobres.

Com a idade a avançar (faz 97 anos!), confiou a Casa do Gaiato de Malanje ao P. Rafael Serrano e sua equipa e recolheu-se no Calvário de Beire, em Paredes, onde continua a exercer a sua missão e a escrever. Este 'O silêncio de Deus', com ilustrações de Eva Direito e Lu Lessa Ventarola, Prefácio do P. Rafael, Posfácio de Serafim Afonso e texto final de Henrique Manuel ('responsável' por boa parte das suas publicações) põe a nu as convicções e a criatividade do autor. Esta última obra do P. Telmo assenta na ecologia integral da 'Laudato Si' do Papa Francisco, conta muitas histórias de gente pobre e não esquece o 'homem grande e santo', D. Hélder Câmara.

Como diz Henrique Manuel, 'o silêncio de Deus é a voz de Deus; a ausência de Deus, a sua presença mais profunda. Disso nos fala este livro'. O P. Telmo Ferraz dedica-o ao Padre Américo e a todos e cada um dos padres da Obra da Rua, os que já partiram e os que dão hoje corpo a esta grande instituição (16).

5. Acção ou Contemplação?

Quando perguntaram a Richard Rohr, fundador do Centro para Acção e Contemplação, qual era a palavra mais importante: 'Acção ou Contemplação?', ele respondeu que o mais importante era o E!

Temos que sentar na mesa da nossa vida a Marta e a Maria. Devemos, como manda a tradição beneditina, apostar no 'Ora et Labora'. Ou seguindo a tradição jesuítica, investir no 'Contemplativos na acção'. Ou, para jogar em casa, seguir a tradição Espiritana da 'União Prática', escrita e descrita pelo P. Francisco Libermann. É verdade que sentimos a necessidade de respeitar as linhas carismáticas. Não podemos obrigar um padre trapista a dedicar o mesmo tempo à oração que dedica um padre operário ou um pároco cheio de compromissos. Mas é fundamental percebermos que os dois pulmões, o da contemplação e o da acção, nos ajudam a respirar melhor o nosso sacerdócio. Não queremos padres activistas laicos nem padres preguiçosos sempre de terço na mão. A nossa força está na união equilibrada destas duas dimensões complementares, respeitando os carismas específicos.

Tomas Halik, Capelão da Universidade de Praga, na sua intervenção online no domingo de Pentecostes de 2020, em plena pandemia, dizia aos seus seguidores: '*Esta é a mensagem de Pentecostes(...). A renovação da linguagem da Igreja deve ser uma parte indispensável da reforma actual do*

Cristianismo. Deve ser uma linguagem viva, bela, poética e inteligível, e não uma artificial 'língua da Igreja', cheia de frases vazias e piedosamente doces, nem uma imitação fácil e intrometida da gíria que está na moda.

A 2ª característica e, a meu ver, a mais importante do tipo de Cristianismo que professamos, é o realce da espiritualidade, da arte da vida espiritual.(...). É na contemplação que a nova linguagem da Igreja, a vitalidade da liturgia, mas principalmente a prática da vida cristã na sociedade, buscam a sua força.

A vivacidade, a autenticidade, a tangibilidade e a credibilidade do Cristianismo no nosso tempo e no mundo podem ser renovados pela cultura da vida espiritual.(...).

A cada passo estamos mais convencidos que é preciso cada vez mais adentrar no mundo da oração e da meditação.(...)

A 3ª característica fundamental do Cristianismo, tal como o entendemos, é uma abertura social, uma sensibilidade política da nossa fé, além da abertura intelectual e espiritual.(...).

A autenticidade cristã, a veracidade e honestidade da vida espiritual são reconhecidas pelo vínculo inseparável entre contemplação e acção.(...). A prática social dos cristãos, a sua presença crítica e criativa na cultura contemporânea e na sociedade civil, na vida pública da polis, é o cumprimento das palavras de Jesus sobre os cristãos serem fermento e sal.(...).

O mundo da fé enfrenta hoje uma grande missão, que tem a sua dimensão pedagógica, terapêutica, mas também política: ensinar-nos a todos a viver numa realidade sob a qual não temos controlo, viver num mundo de paradoxos e surpresas, às vezes até surpresas muito duras,(...).

Não temos muitas respostas, devemos procura-las com aqueles que buscam. Devemos sem cessar abrir-nos ao Espírito, que nos levará à plenitude da verdade, segundo a promessa de Jesus. (...). No Pentecostes, percebemos que o dom do Espírito é um processo que continua na História da Igreja e da Humanidade.(...).

Com o poder do Espírito, Jesus forma e transforma constantemente a sua Igreja. Ressuscita-a para uma vida nova, ainda que, lembrando a visão do profeta Ezequiel, parecesse um vale cheio de ossos ressequidos (Cf. Ez 37, 1-14).(...).

Temos experimentado que o Cristianismo pode ser reflectido, vivido e reavivado de outras maneiras, diferentes das que distanciam e repelem das Igrejas as pessoas em busca do espiritual. Experimentamos a força do Espírito que, apesar das nossas fraquezas e imperfeições, realiza a obra de Deus no mundo de hoje' – conclui o P. Tomas Halik (17).

6. Liberdade de expressão

João Paulo II, na 'Redemptoris Missio' 37 (1990), diz que o primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações porque, através dos media, o mundo está a transformar-se numa aldeia global.

A Igreja católica foi pioneira na reflexão sobre a comunicação social, sua importância, impacto e desafios. Ainda mal o Concílio Vaticano II abria as portas e já se publicava o decreto 'Inter Mirifica' (1963) que utilizava, pela primeira vez na história, a expressão 'meios de comunicação social' (IM , nº1). Paulo VI, o Papa que encerrou o Concílio, lançaria, em 1967, a Jornada Mundial das Comunicações Sociais, atirada para a Solenidade de Ascensão.

Até hoje, os Papas sempre escreveram uma Mensagem para este Dia, estando a Igreja a preparar-se para celebrar a edição nº66!

A verdade exige liberdade. O curso 'Economia de Francisco. Da teoria à prática', organizado a nível da lusofonia, teve como tema, neste mês de maio, a liberdade de expressão. Trata-se de um enorme desafio de cidadania, sempre com limites impostos por quem tem mais poder e se sente no direito de dizer até que ponto os cidadãos podem ou não avançar no dizer e no lutar.

A liberdade de expressão é considerada, pelos estudiosos deste tema, a maior de todas as liberdades. Timothy Ash, autor de um grande estudo que tem mesmo o título 'Liberdade de expressão', diz que 'é aquela da qual dependem todas as outras'.

Há muitas lutas por mais e melhor liberdade de expressão, mas também há imensos condicionamentos, mais ou menos camuflados. As ideologias e os interesses económicos sobrepõem-se, quase sempre, à procura incessante e aprofundada da verdade que todos deveriam exprimir por palavras. As tentativas de manipulação, a injeção de falsas notícias (fake news) e os negócios lucrativos no mundo dos media, atiram-nos para os braços das ditaduras de shares, audiências e tiragens que, em muitos casos, quase obrigam a calcar a verdade e a pôr em causa o valor imprescindível da liberdade de expressão.

Há que reconhecer que, mesmo em contextos de perseguição, a liberdade de expressão conquista-se, usa-se corajosamente, mesmo que tal opção leve ao martírio de numerosos jornalistas todos os anos. Francisco de Assis é um bom exemplo: ele usou a liberdade de expressão para dizer tudo o que pensava, foi um homem contra-corrente e serviu-se de várias formas de linguagem para denunciar o que achava estar mal (até o despir-se na praça pública!) e para propor a sua convicta fraternidade universal, imagem de marca do espírito franciscano. O papa Francisco também não tem medo (nem mede muito as palavras) quando diz que a guerra é criminosa, exige aos bispos e padres que tenham o cheiro das suas ovelhas ou quando grita para afirmar que a Igreja ou está em saída para as periferias ou não é a Igreja de Jesus Cristo. São palavras incómodas que provocam azia a muita gente, mas que mostram ao mundo que o Papa não tem medo de partilhar com coragem as suas convicções mais profundas, doa a quem doer. Nesta mesma linha, Frei Bento Domingues defende a insurreição como característica dos cristãos, pois temos de nos insurgir contra tudo o que está mal.

Regressemos à liberdade de expressão. Anthony Lewis diz que esta tem de funcionar hoje como uma espécie de motor de busca para a verdade. Amartya Sen, Prémio Nobel da Economia, vai mais longe e mais fundo ao afirmar, como perito nestas matérias, que nunca na história humana ocorreram situações de fome prolongada nas democracias que funcionam assentes na liberdade de expressão.

Timothy Ash usa uma fábula original para abordar este tema da liberdade de expressão. Diz que os governos são os cães, as empresas são os gatos e nós, cidadãos, somos os ratos. Aparentemente, pouco ou quase nada podemos fazer para enfrentar cães e gatos. Mas não há que atirar a toalha ao chão, pois temos ainda muitas forças por explorar e capitalizar. Temos que evitar que cães e gatos se unam contra nós. Depois, como 'netizens' (cidadãos da era da internet), podemos influenciar a luta mundial pelo poder da palavra, através dos tratados internacionais, das leis que condicionam empresas e governos, das

nossas decisões privadas quanto ao consumo e através da criação das nossas próprias comunidades virtuais e físicas para o intercâmbio de informações e ideias. Este autor conclui: 'nunca iremos concordar todos. Mas devemos esforçar-nos por criar condições nas quais estejamos de acordo sobre a forma como discordamos' (18).

Para a história da música ficou o 'Pai, afasta de mim este cálice (está escrito à mão, à frente: cale-se!) de vinho tinto de sangue!', de Gilberto Gil e Chico Buarque de Hollanda, vetado pela censura no Brasil. Em Timor, Luís Represas gritou: 'Se outros calam, cantemos nós!'. Muitos anos antes, em contexto de falta de liberdade, Sophia escreveu: 'Porque os outros têm medo, mas tu não! Porque os outros se calam, mas tu não!'.

7.A 'Geografia das Perguntas'

O Cardeal Ravasi diz que a Bíblia prova que Jesus era mais perguntador que respondedor... Cita o Monge Ludwig Monti que encontrou 217 perguntas feitas por Jesus e 141 as que lhe fizeram...Conclui Ravasi que há perguntas que doem e denunciam. As perguntas de Deus, essas incomodam-nos sempre.

O P. Tomas Halik, no seu ebook publicado durante a pandemia (O sinal das Igrejas vazias. Para um cristianismo que volta a partir, Paulinas 2020), diz: *umenta o número dos que estão à procura (seekers)'(p.12). 'Há quem esteja 'à procura' sem do crente (aqueles para quem a fé não é uma 'bagagem hereditária', mas um caminho) e há quem seja não-crente, que rejeita os conceitos religiosos que lhe são propostos pelos que o rodeiam, mas, ao mesmo tempo, sente o desejo de algo que satisfaça a sua sede de significado' (p.13). Conclui: 'Estou convencido de que a 'Galileia de hoje' onde devemos procurar Deus que sobreviveu à morte, é este grupo dos 'à procura' (p.13) (19).*

A preparar intensamente (e Apressadamente!) as JMJ 23, lembro que o planeta jovem é povoado por mais perguntas que respostas. O P. José Miguel Cardoso, bracarense em Roma, escreveu que a nossa vida viaja diariamente pela 'geografia das perguntas'.

Há muitos anos, num período de forte contestação social, alguém escreveu num muro da Universidade de Coimbra: 'Jesus Cristo é a resposta!'. Nos dias seguintes, outra pessoa grafitou por baixo: 'Ai sim? Mas qual é a pergunta?!'. É uma perda imensa de oportunidade e de crédito tentar dar respostas a perguntas que ninguém fez nem tem interesse em fazer.

A Igreja tem de saber ouvir as perguntas, mais ainda, tem ela própria de estar em atitude de constante questionamento, à procura de respostas, ou de compreensão do sentido das coisas e da vida. Corremos o risco de debitar muitas frases feitas com aparência de resposta, mas que não abrem qualquer perspectiva de compreensão, de futuro, de realização.

Quando temos respostas armadilhadas para todas as perguntas já ultrapassamos o patamar do bom senso e nos fizemos integristas e fundamentalistas, sem capacidade de escuta nem diálogo, transformados em senhores de toda a verdade e conhecimento. Não ousamos fazer perguntas porque temos medo de escutar certas respostas. Trocamos assim os valores cristãos por receitas culinárias.

O Cardeal Tolentino Mendonça tem um livro com um título original: 'Hipopótamo de Deus - Quando as perguntas que trazemos valem mais do que as respostas provisórias que encontramos' (20). Ora, ao ler a Bíblia, facilmente

percebemos que ela é mais um livro de perguntas que de respostas. Não é um livro de instruções para montar móveis, mas um motor de busca de sentido.

A Sinopse da editora a propósito de *‘O pequeno caminho das grandes perguntas’* explica: *“Há um momento em que percebemos que são as perguntas (e não as respostas) que nos deixam mais perto do sentido. Sabemos que as respostas são úteis, sim, e que precisamos delas para continuar a viver - mas a vida transforma as próprias respostas em perguntas ainda maiores. A espiritualidade tem de ser uma oportunidade para o reencontro com interrogações fundamentais, mesmo se desacreditadas num quotidiano que nos dispersa de forma cada vez mais absorvente: ‘Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? A quem pertença? Por quem ou por que coisa posso ser salvo?’”*

Mia Couto, no seu *‘O universo num grão de areia’*, afirma que *‘é melhor uma juventude inquieta do que uma juventude submissa’* (p.73) (21).

Os jovens de hoje fazem perguntas que dão nós no cérebro de muita gente, incluindo os líderes políticos e religiosos. Há estudos sociológicos que apontam a juventude como a idade do questionamento das tradições e do *‘sempre se fez assim’*. Ora, o mesmo tem repetido o Papa Francisco. E um diálogo sincero, culto e aberto ajuda a compreender melhor a vida e os projectos de Deus.

O P. Paulo Terroso, de Braga, pede à Igreja e ao mundo que não tenha medo de perguntas. Outro jornalista bracarense, o P. João Aguiar Campos, nos seus *Fragmentos* (nº42) diz: *‘há tantas perguntas à espera nas esquinas. Vamos, tranquilos, na rua das certezas e, de repente, desprendem-se ou atravessam-se as interrogações!’* (22).

Maria pergunta ao Anjo: *‘mas como pode ser isto?’*. Tal questionamento não demonstra qualquer falta de Fé. Pelo contrário – como diz Tomás Halik – é uma questão de quem quer saber mais para poder responder e fazer melhor. E o *‘sim’* dela prova isso mesmo.

8. Peço desculpa, mas não consigo

Não consigo mesmo não ler este texto do P. José Júlio Rocha:

‘O Loureiro nasceu pobre. O Palma nasceu rico. O Loureiro morreu pobre. O Palma morreu rico. Estamos no Alentejo dos anos cinquenta, a terra do pão e da fome, onde morreram muitos mineiros, vê lá, vê lá companheiro, vê lá... diz o Cante.

O Loureiro não era pobre por má cabeça. Era-o pelas circunstâncias da própria pobreza de que Portugal não conseguia – e ainda não consegue – sair. Era-o porque vítima das injustiças a que a Igreja chama “pecados que bradam aos céus”. E era lacaio do Palma. Cultivava uma pequeníssima propriedade, um quintal à frente do palheiro onde vivia, que o Palma lhe arrendara a troco de metade dos bens que produzisse, enquanto o Palma se refastelava em milhares de hectares e montes alentejanos. Em ano de seca, sem produção suficiente, o Loureiro não foi capaz de dar ao Palma a parte que, por execrável direito, lhe pertencia. O Palma, de imediato, tirou-lhe o direito à terra e ao pão. Loureiro viu-se sem trabalho, sem sopas, sem pão para a família. Passou fome, com uma açorda aguada por dia, sem defesa, sem nada. A mulher envergonhava-o, quando ia à vila pedir esmola. No mais desesperado desespero, o honesto Loureiro viu-se na desonrosa situação de se juntar aos contrabandistas que roubavam produtos ao Palma para os contrabandear em

Espanha. Atravessava de noite a fronteira, fugindo dos guardas, para comer o pão duro da solidão que partilhava com a família.

Loureiro ia à missa. Palma também. Loureiro ficava nos últimos lugares porque vestia mal, não dava esmolas no ofertório, não levava andores nas procissões, contrabandeava para os filhos não morrerem de fome. Palma sentava-se nos bancos da frente do templo, ele que pagara o restauro do altar da Imaculada Conceição e contribuía sumptuosamente para as expensas da paróquia. E aos domingos o pároco era sempre bem-vindo à mansão do Palma, onde almoçava lautamente. Nunca conheceu a espelunca onde o Loureiro passava fome.

O padre, nas homilias, falava do inferno, destinado aos prevaricadores, aos bandidos e contrabandistas, aos que roubavam, aos comunistas e aos que não ofereciam dinheiro aos santos. Foi então que Loureiro deixou de ir à missa, porque o inferno da eternidade certamente não seria pior do que o inferno na Terra. Inferno por inferno, qual inferno escolher?

Como não podia deixar de ser, as autoridades desconfiaram de Loureiro pelo simples facto de ele, sem emprego e sem terra, ainda poder comer. Torturaram a esposa e ela viu-se obrigada a confessar que o marido andava no contrabando. Enforcou-se no calabouço, não suportando a traição ao marido.

Palma acusou Loureiro de o roubar, de invadir a sua propriedade, ele que lhe tinha concedido um miserável quintal para se sustentar, desde que lhe pagasse metade. E impava de orgulho diante dos sermões do padre que, de batina e barrete, proclamava bem-aventurados os que doavam à sacrossanta Igreja grandes quantias dos seus bens.

Loureiro acabou os seus dias na mais miserável das misérias, sem pão, com a mulher enforcada, que nem teve direito a funeral cristão porque se suicidou, com dois filhos mirrados de fome. Palma sobreviveu na abundância e na promessa feliz de uma eternidade paradisíaca.

Loureiro é um Alentejo, é um mundo. Um mundo dos pobres de que parte da Igreja perdeu o rasto. A opção preferencial pelos pobres não pode ser apenas umas letras escritas num documento que se esvazia em boas intenções.

Agora eu: tenho uma consciência cristã. E essa bendita e tenaz consciência não me permite, de nenhum modo, dizer que pertenço a uma ala de Igreja que traiu a parábola do Bom Samaritano, do Filho Pródigo, do Pastor que vai à procura da ovelha perdida, de um Jesus que come com pobres e pecadores porque não veio para os que têm saúde mas para os doentes.

Peço desculpa, mas a minha consciência não me permite pertencer a um certo tipo de Igreja que prefere o sacrifício litúrgico à misericórdia, o apedrejamento da adúltera ao seu perdão, o castigo à compaixão, os ricos doadores à viúva pobre, as pompas rituais ao Jesus que nasceu numa manjedoura porque não havia lugar para Ele.

Peço desculpa, mas não consigo aceitar um estilo de Igreja que se satisfaz com uma esmola, perante um Jesus para quem os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa-Nova é anunciada aos pobres. Não consigo imaginar uma Igreja de faustos banquetes, quando ao pobre Lázaro lhe sobram as lambidelas dos cães. Envergonho-me só de imaginar que a Igreja pode ter perdido o rasto dos pobres e dos excluídos.

Não. Não sou padre vermelho. Mas, se mo chamarem, antes disso do que não ter cor nenhuma, antes disso do que não me comprometer com a mensagem

dos grandes profetas do Antigo Testamento e, sobretudo, de Jesus. Se há medo que me desassossega a alma, é o de não ser fiel ao Evangelho.

Não tenho uma Igreja minha. A Igreja é de Jesus. É a Igreja da fraternidade, como escreveu, e com destemida razão, Francisco, o Papa.

O Amor de Deus não se esgota nas celebrações nem nas liturgias. A Igreja também não: é um compromisso concreto com a humanidade que Deus quer salvar. A começar, sempre, pelos mais desfavorecidos. Isto não é política: é cristianismo.

Só a Igreja nos pode salvar. A Igreja pobre com os pobres, que suja os pés na lama onde os excluídos habitam’ (23).

CONCLUSÃO

Falar de profecia sacerdotal em Portugal obriga a olhar para a figura incontornável do nosso Santo Frei Bartolomeu dos Mártires – um dos patronos das JMJ 2023 - que, como sabemos, em Trento, propôs aos Bispos conciliares uma eminentíssima reforma. Nada melhor que pedir emprestadas palavras ao seu actual sucessor, D. José Cordeiro: *‘Além de ter lutado pela renovação da Igreja, a sua obra de caridade e preocupação com os mais pobres foram notáveis’* (facebook, 18.5.2022). O nosso Santo de Lisboa e Pádua, António, também gritava: *‘Calem-se as palavras, falem as obras!’*. E, como disse há tempos Frei Bento Domingues, a insurreição contra o mal é a melhor forma de testemunhar a Ressurreição dos mortos!

Aqui, em Fátima, temos que beber desta fonte inspiradora que é Maria, a que corre apressadamente, estando sempre em saída. Ainda ecoam nos meus ouvidos as palavras que o Papa Francisco pronunciou neste chão sagrado a 12 e 13 de maio de 2017: *‘Percorreremos todas as rotas, seremos peregrinos de todos os caminhos, derrubaremos todos os muros e venceremos todas as fronteiras, saindo em direcção de todas as periferias, aí revelando a justiça e a paz de Deus’*. Rezaria ainda: *‘Sobre cada um dos deserdados e infelizes a quem roubaram o presente, dos excluídos e abandonados a quem negam o futuro, dos órfãos e injustiçados a quem não se permite ter um passado, desça a bênção de Deus encarnada em Jesus Cristo’*. O Papa Francisco diria na vigília: *‘Sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do carinho. Esta dinâmica de justiça, de ternura, de contemplação e de caminho ao encontro dos outros é aquilo que faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização’*. Concluiu: *‘O Céu desencadeia aqui uma verdadeira mobilização geral contra esta indiferença que nos gela o coração e agrava a miopia do olhar. Sob a protecção de Maria, sejamos no mundo sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilha na Páscoa, e descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor’ (24).*

Só me faltava citar mais esta: o sacerdote – profeta é alguém que está sempre de saída, na direcção de todas as periferias e margens da história. O cardeal Tolentino Mendonça explicou ao papa e à Cúria Romana que *‘o verbo grego peripherein significa traçar uma linha ou desenhar uma circunferência. Parece um gesto simples esse. Trata-se, no entanto, de uma decisão antropológica e política da maior importância. Quando traçamos uma fronteira decidimos o que*

está dentro e o que fica de fora. Estabelecemos o próximo e o distante, o prioritário e o acessório'. O nosso cardeal biblista recorda que o próprio Jesus é um homem periférico e que, por isso, 'a periferia está assim no ADN cristão, pois aproxima-o do seu contexto originário e do seu programa'. Por isso, conclui: 'a vitalidade do projecto cristão joga-se nas periferias. (...). Para a Igreja, a periferia não é um problema, mas um horizonte.(...). Só saindo de si a Igreja se pode redescobrir a ela mesma' (José Tolentino Mendonça, O Cristianismo reencontra as periferias, in A Revista do Expresso, 27.01.2018, p.92 (25).

Talvez, neste momento, o recurso aos poetas seja o mais profético. Inspiremo-nos em Sophia:

'A Paz sem vencedor e sem vencidos'

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça.
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos

Outro poema de grande força de intervenção foi:

'Porque...':

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão
Porque os outros têm medo mas tu não
Porque os outros são os túmulos caiados
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.
Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam, mas tu não. (26).

Obrigado, Sophia, pela inspiração e pelo compromisso.

Na Semana dos Seminário de 2004 foi distribuída uma pagela com uma Oração que eu faço quase diariamente. E tive a felicidade de concelebrar na Eucaristia da Canonização do seu autor: ‘Meu Pai, eu me abandono a Ti, faz de mim o que quiseres. O que fizeres de mim, eu Te agradeço. Estou pronto para tudo, aceito tudo. Desde que a Tua vontade se faça em mim e em tudo o que criaste, nada mais quero, meu Deus. Nas tuas mãos entrego a minha vida. Eu te a dou, me Deus, com todo o amor do meu coração, porque te amo e é para mim uma necessidade de amor dar-me, -entregar-me nas tuas mãos sem medida, com uma confiança infinita, porque tu és meu Pai’.

Que São Carlos de Foucauld nos inspire e desinquiete. Obrigado.

BIBLIOGRAFIA

- (1).Papa FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 2018.
- (2).Papa FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013.
- (3).Papa FRANCISCO, *Laudato Si*, 2015.
- (4).Papa FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 2016.
- (5).Papa FRANCISCO, *Christus Vivit*, 2019.
- (6).Conselho Pontifício JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, ed. Principia, Lisboa, 2005. Síntese da DSI até 2011 in Tony NEVES, *Angola, Justiça e Paz nas intervenções da Igreja católica.1989-2002*, Ed. Texto/Leya, 2012,pp.140-157.
- (7).Tony NEVES, *A Missão de servir 2*, Ed. LIAM, Lisboa, 2022, p.392. Tony NEVES, 12.03.2022.<https://espiritanos.pt/nao-ha-guerras-justas>.
- (8).Papa Francisco, *Querida Amazonia*, 2020.
- (9).Tony NEVES, *Ecologia Laudato Si*, in ‘*Ação Missionária*’, maio de 2021, p.18.
- (10).Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 2021.
- (11).Tony NEVES, *Por uma Fraternidade universal*, In ‘*Ação Missionária*’, Novembro 2021, p.2.
- (12).Cardinal Dieudonné NZAPALAINGA, *Je suis venu apporter la paix. Le combat d’un cardinal courage au coeur du chaos*, Ed. Mediaspaul, Paris 2021;Tony NEVES, *Cardeal Dieudonné: ‘SIRIRI’, ou seja, Paz na RCA!*, ‘*Lusofonias*’, 02.06.2022
- (13).Tony NEVES, P. Júlio Lancellotti, com os “moradores da rua” de S. Paulo, In ‘*Sete Margens*’, 5.5.2019.
- (14).Pier Luigi MACCALLI, *Catene di liberta. Per due anni rapito nel Sahel*, Ed. EMI,Verona, 2022; Tony NEVES, P. Luigi Maccali, raptado no Níger e libertado no Mali, In ‘*Ação Missionária*’, ag-.set 2021, pp.6-7.
- (15).Tony NEVES, *Os cem anos do P. João Felgueiras, jesuíta em Timor*, in ‘*SeteMargens*’ e ‘*Ação Missionária*’, agosto-setembro de 2000, p.2. Publicado em 2005 na coletânea ‘*Crónicas com Missão*’, p.48.
- (16).Telmo FERRAZ, *O silêncio de Deus*, Ed. Alforria e Casa do Gaiato, 2021.

- (17).Tomas HALIK, *o Tempo das Igrejas vazias*, Paulinas Editora, Prior Velho 2021, pp. 143-148.
- (18).Timothy ASH, *Liberdade de Expressão. Dez princípios para um mundo interligado*, Lisboa: Temas e Debates, 2017. Cf. ainda Tony NEVES, *Lusofonias*. 13.05.2022.
- (19).Tomás HALIK, *O sinal das Igrejas vazias. Para um cristianismo que volta a partir*, Paulinas, Lisboa, 2020
- (20).José Tolentino MENDONÇA, *O Hipopótamo de Deus - Quando as perguntas que trazemos valem mais do que as respostas provisórias que encontramos*. Paulinas Editora, Lisboa, 2010.
- (21).Mia COUTO, *O universo num grão de areia*, Caminho, Lisboa, 2019, p.73.
- (22).João Aguiar CAMPOS, *Fragmentos*, Ed. Diário do Minho, 2020, nº42.
- (23).José Júlio ROCHA, *Peço desculpa, mas não consigo*, in '*Diário Insular*', na rubrica '*Rua do Palácio*'. 4 de Dezembro de 2020.
- (24). Papa FRANCISCO. *Centenário das Aparições de Fátima*, 12 e 13 de Maio de 2017.
- (25).José Tolentino MENDONÇA, *O Cristianismo reencontra as periferias*, in A Revista do Expresso, 27.01.2018, p.92.
- (26).Sophia MELLO BREYNER, '*A Paz sem vencedor e sem vencidos*'. '*Porque...*'.

Simpósio do Clero. Fátima 01.09.2022
Tony Neves CSSp